

ABORDAGEM TOPONÍMICA NA LITERATURA DOS VIAJANTES

Verônica Ramalho Nunes (IFTO)

vevethin@gmail.com

Victor Souza Barcelos da Silva (IFTO)

victorsbstr@gmail.com

RESUMO

A Toponímia é responsável pelo estudo dos topônimos, ou seja, os nomes próprios de lugares. É uma disciplina linguística que possui relações intrínsecas com a Antropologia, Geografia, História, dentre outras áreas do saber. Desse modo, esta pesquisa consiste na abordagem toponímica acerca da literatura dos viajantes, a partir da descrição dos nomes de lugares. Como percurso metodológico, optamos por uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva. Dentro dessa abordagem, realizamos uma pesquisado tipo documental, posto que os instrumentos utilizados para a análise consistiram em obras que retratam os relatos, desenhos, coleções e classificações realizadas pelos viajantes, que investigavam e desbravavam o interior do Brasil. Como resultado da pesquisa realizada observamos a importância da literatura dos viajantes no século XIX, tanto na contribuição da produção científica do país, como pelo importante papel que tiveram para a descrição dos nomes de lugares. Por meio de relatos e descrições, os viajantes buscavam descrever com totalidade os elementos que compunham os lugares. Na análise, buscamos compreender, as possíveis motivações acerca da nomeação dos topônimos, bem como, em que contexto esses nomes são apresentados pelos viajantes naturalistas. Os resultados obtidos apontam que suas narrativas possibilitaram identificar a realidade histórica, cultural e peculiar em relação à descrição dos nomes de lugares brasileiros.

Palavras-chave:

Toponímia. Viajantes naturalistas. História e Geografia.

ABSTRACT

Toponymy is responsible for the study of place names, that is, the proper names of places. It is a linguistic discipline that has intrinsic relations with Anthropology, Geography, History, among other areas of knowledge. Thus, this research consists of a toponymic approach to the literature of travelers, from the description of the names of places. As a methodological path, we opted for a descriptive qualitative research. Within this approach, we conducted a documentary type research, since the instruments used for the analysis consisted of works that portray the reports, drawings, collections and classifications made by the travelers, who investigated and explored the interior of Brazil. As a result of the research, we observed the importance of the literature of travelers in the 19th century, both in the contribution of the country's scientific production and in the important role they played in describing the names of places. Through reports and descriptions, travelers sought to fully describe the elements that made up the places. In the analysis, we seek to understand, the possible motivations regarding the naming of toponyms, as well as, in what context these names are presented

by naturalistic travelers. The results obtained show that their narratives made it possible to identify the historical, cultural and peculiar reality in relation to the description of the names of Brazilian places.

Keywords:

Toponymy. Naturalistic travelers. History and geography.

1. Introdução

A língua tem o papel de representar as práticas empregadas pelo homem, de modo que explicita as atitudes, conhecimentos, crenças, valores de determinado grupo de falantes. Essas práticas são expressivamente representadas pelo léxico, de modo que os grupos batizam os ambientes ao seu redor, revelando sua cosmovisão e o *modus vivendi* de seu grupo.

Nesse sentido, os nomes são formas de representação dos lugares, e a nomeação realiza-se em constante transformação e de maneira dinâmica. Geralmente, é determinada por aspectos econômicos, religiosos, políticos, sociais, culturais, entre outros. Tais fatores determinantes fazem com que os nomes evoluam, passem por transformações e/ou se corrompam.

A nomeação de lugares e pessoas é uma prática realizada desde os primórdios da humanidade. Esse processo de nomeação possibilita a individualidade e, por conseguinte, a identificação única dos lugares e das pessoas. De acordo com suas características culturais, os povos designam no ato de nomear uma espécie legítima de registro, obtendo-se especificidades singulares da identificação dos lugares e das pessoas, o que possibilita maior relação de convivência no contexto social em que estão inseridos.

O estudo toponímico possibilita a identificação dos lugares, evidencia as reminiscências em relação aos acontecimentos, compreende o domínio cultural e os valores de um grupo, reflete diretamente nas questões de memória, identidade conjunta dos povos. Quando um indivíduo ou comunidade linguística atribui um nome a um elemento humano ou físico, revelam-se tendências sociais, políticas, religiosas, culturais.

Em vista disso, apresentamos uma reflexão acerca da importância da literatura dos viajantes no século XIX. Os viajantes estrangeiros contribuíram não apenas para produção científica do país, mas tiveram um papel importante no que concerne à descrição dos nomes de lugares. Por meio de relatos e descrições, os viajantes buscavam descrever com tota-

lidade os elementos que compunham os lugares. Suas narrativas possibilitaram identificar a realidade histórica, cultural e peculiar em relação à descrição dos nomes.

Consideramos que os topônimos são constituídos por aspectos históricos, antropoculturais, sociais, físicos, compostos de significados que se complementam a partir da motivação durante o ato denominativo. Esses aspectos são decisivos para que os falantes escolham um determinado nome, a partir de múltiplas possibilidades sêmicas, sendo decisivas para nomear determinado lugar.

Para este estudo, optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva. Dentro dessa abordagem, realizamos uma pesquisa de cunho documental, bem como levantamento bibliográfico. Nessa perspectiva, vale ressaltar que a análise toponímica segue uma metodologia que envolve aspectos da construção do texto onomástico. Possui um olhar teórico-metodológico do saber científico advindo dos nomes e apresenta uma forma de estudar a língua e suas variantes em diferentes contextos. Os estudos toponímicos encontram-se em um contexto interdisciplinar, pois relacionam-se diretamente com outras áreas do saber.

Contudo, o estudo dos nomes revelam ainda aspectos inerentes à cultura, identidade, memória, política, religião de um povo, os quais acreditamos que contribuem para o complemento de informações nas diferentes áreas do conhecimento. Na História, poderá auxiliar no conhecimento da memória oral, tradição, processos migratórios e de colonização; na Linguística, poderá contribuir para os estudos da semântica, do léxico, contexto etimológico, dentre outros e na Geografia, poderá possibilitar a ampliação do estudo de aspectos da paisagem, território.

2. A Toponímia e seu caráter interdisciplinar

Pode-se conceituar Toponímia como a disciplina que estuda os nomes de lugares, a etimologia, as transformações inerentes a nomes de sítios, nações, povoações, bem como rios, montes, vales e os designativos geográficos tendo em vista os aspectos físicos, relações culturais e os grupos humanos. Toponímia vem do grego *topos* “lugar” e *onoma* “nome”. Suas particularidades são a busca pela etimologia, o caráter semântico da palavra e suas transformações linguísticas, principalmente as fonético-fonológicas e as morfológicas. É uma vertente da ciência ono-

mástica e está ligada à lexicologia¹, ciência que pode ser definida como o estudo científico do léxico. Para Dick (1990, p. 36), ela é “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente. Essa disciplina dedica-se ao estudo dos nomes de lugares de uma forma geral, levando-se em conta seu caráter motivacional.

Em sua formação, um topônimo recebe influências internas e externas que podem ser únicas ou combinadas (simples, composto, híbrido). Essas influências podem vir das condições geográficas, históricas, culturais, sociais, etimológicas, semânticas, linguísticas e outras.

Nessa perspectiva, a Toponímia é uma disciplina de conteúdo interdisciplinar e está presente na grande área dos estudos lexicais. Por meio do léxico, os grupos batizam os elementos ao seu redor, evidenciam sua cosmovisão e *modus vivendi*. Desse modo, o ato de nomear torna-se imprescindível, de modo que os indivíduos deixam suas marcas, sua herança cultural e histórica. A partir dos olhares dinâmicos em que se apresentam os estudos toponímicos, Andrade e Dick (2012) asseveram que

O estudo toponímico apenas pode ser compreendido e apreendido a partir dos fios tecidos sob os olhares de diversos saberes. Fruto do movimento de aglutinação de aspectos socio-históricos, culturais, geográficos e linguísticos, os nomes de lugares revelam a origem e a dinâmica dos lugares; tornando rica a maneira pelo qual os atores sujeitos se utilizam da linguagem para imprimir no espaço uma variedade de significados. (ANDRADE; DICK, 2012, p. 198)

A Toponímia revela-se, portanto, interdisciplinar ao manter relações intrínsecas com a História, Antropologia, Geografia, Psicologia. Fica evidente a relação desses estudos com a Toponímia, visto que o ato de nomear possibilita maior interação do indivíduo com o meio em que habita. Sousa (2013, p. 297) aborda que “o trabalho com a toponímia articulará saberes geográficos, históricos, biológicos, antropológicos, além, é claro, de saberes linguísticos”.

Para tanto, preconizam movimentos que agregam fatores linguísticos, históricos, geográficos, sociais, culturais, não podendo ser vistos como um estudo de saberes isolados. Com isso, a Toponímia revela-se

¹ A Lexicologia, ciência antiga, tem como objetivos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico (BIDERMAN, 2001, p. 16).

como uma disciplina interdisciplinar, por estabelecer uma interface com outras áreas.

Ademais, os estudos toponímicos apropriam-se dos elementos externos provenientes dos diversos campos de formação, sendo determinante para realidade sócio-histórica de hoje. Andrade e Dick (2012) ressaltam que

Na geografia, a toponímia pode dar informações relevantes sobre vários aspectos: relevo, flora, fauna etc. pode ainda auxiliar na delimitação da separação entre duas zonas geográficas (por exemplo, entre a zona dos cocais e a caatinga do sertão brasileiro). É considerada uma fonte de informação para os historiadores (colonização, imigração, histórica e memória oral, etc.), antropólogos (identidade, relação homem, cultura e meio social), biólogos (nomes de seres que compõem determinado bioma), botânicos (nomes de plantas) e outros pesquisadores. A linguística, particularmente, permite estudar a evolução fonética, a etimologia, os aspectos morfosintáticos e semântico-lexicais. Fruto de um movimento de aglutinação de aspectos sociohistóricos, culturais, geográficos e linguísticos, os nomes de lugares revelam a origem dinâmica dos lugares; tornando rica a maneira pelo qual os atores sujeitos se utilizam da linguagem para imprimir no espaço uma variedade de significados. O ato de nomear expõe como as pessoas se relacionam com os seus lugares, pensam, vivem e experimentam o espaço em sua plenitude. (ANDRADE; DICK, 2012, p. 205)

O estudo dos nomes de lugares é identificado a partir dos múltiplos olhares. Transita de maneira significativa pelas diversas áreas do saber, auxiliando na ampliação do conhecimento. Esses aspectos permitem que o processo de denominação dos topônimos não se realize de maneira fragmentada, ou seja, a partir de múltiplas possibilidades.

3. *A literatura dos viajantes e a descrição dos nomes de lugares*

O ano de 1808 é marcado na história como o ano da investigação científica nacional, isso se deu devido à chegada da corte portuguesa ao Brasil. Neste mesmo ano, ocorreu a abertura dos portos e a modificação do estatuto colonial, que restringia viagens de estrangeiros no país. Dentre os estrangeiros que visitaram o Brasil, destacam-se os viajantes naturalistas, que tinham o objetivo revelar as riquezas, de registrar e coletar espécimes naturais e objetos. Grande parte da coleta era encaminhada aos museus e instituições europeias. Inicia-se um ciclo de viagens e missões científicas, que, de um modo geral, eram integradas e organizadas por estrangeiros. A vinda dos viajantes naturalistas era motivada pelo fato de disporem de recursos naturais intocáveis e preciosos, uma vez que o

ambiente se diferenciava das da Europa, e isso se justifica pela visão totalmente etnocêntrica destes viajantes.

Neste período, iniciou-se no Brasil um processo de redescobrimto, a partir dos relatos, desenhos, coleções e classificações realizadas pelos viajantes, que investigavam, desbravavam o interior do país. Esses fatores foram determinantes para formação de uma identidade nacional. Os naturalistas que percorreram o Brasil, em grandes expedições científicas, tiveram um papel importante no processo de construção da identidade e cultura nacionais.

Eram em grande maioria geógrafos, botânicos, mineralogistas, geólogos e zoólogos. Podemos destacar: Von Martius, Auguste de Saint-Hilaire, João Emanuel Pohl, Henrique Koster, Frederico Guilherme Sieber, Jorge Freyreiss, George Gardner e Francis Castelnau, dentre muitos outros. Dentre esse grupo, destacamos quatro viajantes que percorreram a Província de Goiás: Saint-Hilaire, Johann Emmanuel Pohl, George Gardner e Francis Castelnau.

Para Andrade (2010),

Havia, por parte dos intelectuais desse tempo, um interesse em estudar e pesquisar países e culturas diferentes. A “moda” era analisar e descrever os países “descobertos”: investigar “o outro”. Conhecer, “ao vivo”, quem era esse outro que exerceu sobre os intelectuais europeus um desejo e fascínio, mesclados ao misticismo, ao exotismo e à cientificidade. Essa motivação pode ser considerada como a mola propulsora das atividades dos viajantes estrangeiros em terra brasileira. A visão de mundo do “eu” europeu deixava evidente sua dificuldade em vivenciar a diferença: considerava-se como o centro de tudo e de todos; os “outros” eram apreendidos e sentidos pelos valores e modelos da cultura europeia. O outro é aquele que não se identifica; é aquele cuja descoberta causa êxtase. É a própria diversidade do real que invoca o problema da alteridade: o fascínio da aventura, da tensão, do sofrimento. Os relatos dos viajantes na Província de Goiás são marcados por ideias etnocêntricas. (ANDRADE, 2010, p. 40)

Os viajantes partiam do princípio de querer ver “com os próprios olhos”, descreviam e experienciavam as sensações acerca das pesquisas que realizavam, como investigar as espécies e objetos que buscavam e estudavam.

Ver “com os próprios olhos” evidenciava a visão eurocêntrica dos viajantes, de modo que os trabalhos eram estabelecidos pelo olhar do viajante, lhes atribuindo seus valores e princípios, com isso, tentavam estabelecer “verdades” aos aspectos que presenciavam ao longo do terri-

tório brasileiro. Neste sentido, Andrade (2010) argumenta sobre essa visão etnocêntrica e deturpada do contexto da época:

O viajante, ao deixar seu país de origem, entra na condição de estrangeiro. O cotidiano, a cultura, a língua e o referencial de identidade implicam outra existência e realidade: o outro. A noção de tempo dos viajantes não é a mesma do outro. Seu tempo é o “tempo em viagem”, resguardado por uma visão eurocêntrica. (ANDRADE, 2010, p. 41)

A visão eurocêntrica, típica da época, é determinada pelo fato de os viajantes naturalistas partirem para o “Novo Mundo” carregados de um conhecimento que lhes conferiam uma posição superior em relação aos habitantes desse novo território. Esse olhar eurocêntrico é estabelecido justamente pelos viajantes pressuporem que a natureza e os habitantes em estado selvagem do “novo mundo” necessitavam do espírito que movia o “Velho Mundo”, ou seja, as realizações históricas. Nesse sentido, os europeus consideravam-se superiores e em condições para dar o “refinamento cultural” aos povos do Brasil da época. Toda iconografia empregada pelos viajantes no século XIX representa imagens próprias do cotidiano tropical nas quais os indígenas e a natureza possuíam papéis bem definidos.

Para os viajantes, as expedições eram empolgantes e as características do lugar dependiam da interação que os grupos locais tinham com o ambiente físico no decorrer do tempo.

Como descreve o botânico Saint-Hilaire (1779–1853) sobre a vegetação nos trópicos: “nada aqui lembra a cansativa monotonia de nossas florestas de carvalhos e de pinheiros.” Após suas viagens realizadas entre 1816 e 1822, publica diversos volumes de *Voyages dans l’Intérieur du Brésil*.

Nesse sentido, retratavam suas impressões por meio de relatórios, anotações etc. As descrições das características específicas dos ambientes estudados pelos naturalistas possibilitavam uma visão realista e peculiar dos lugares e ambientes, trazendo valiosas contribuições em relação ao conhecimento das regiões e, conseqüentemente, para a história e cultura nacional.

O alemão Johann Emmanuel Pohl, médico, mineralogista e botânico, esteve no Brasil entre 1817 e 1821. Seus relatos de viagem compõem uma grande fonte de pesquisa para estudiosos da história econômica social do Brasil. Pohl percorreu, por cerca de três anos, as capitânicas do Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais, anotando cuidadosamente o

que ouvia e o que via. Ele visitou diversas regiões brasileiras, catalogou aproximadamente quatro mil espécies de plantas, além de um grande material mineralógico.

A respeito da descrição toponímica, Pohl relata em seus trabalhos a intrínseca relação entre as características e os aspectos físicos dos lugares para motivação na nomeação dos topônimos.

Este Arraial deve o seu nome ao regato que aqui passa e ao qual se atribui a origem da febre que tanto assola esta povoação. O regato tem pouco mais de 2 metros de largura, costuma estar quente nas horas da manhã. Nasce, a meia légua de distância do lugar, num grande pântano, outrora considerado um lago. Nunca o foi, porém, segundo informação do Vigário de Traíras, que já morou aqui. Era um açude, formado por meio de um muro que depois ruiu, para obtenção de água necessária à movimentação das lavras de ouro. Considerava-se, antes, que a sua profundidade era insondável, que teria muitas cavernas e que o seu volume de água era sempre o mesmo. (POHL, 1976, p. 191)

O topônimo a que Pohl se refere é o Arraial de Água Quente, o viajante descreve o lugar com minuciosos detalhes: o lugar foi nomeado a partir das características físicas e peculiares que motivaram o processo de nomeação deste topônimo.

Auguste François César Provençal de Saint-Hilaire, francês, botânico, dedicou-se aos trabalhos de história Natural e esteve no Brasil entre 1816 a 1822. Possuía conhecimentos extensos em botânica, com trabalhos sobre fauna e flora francesa. O estrangeiro retratava em seus relatos características do ambiente que percorria, fez grandes considerações, sobretudo, sobre a fauna e flora brasileira. Reuniu um herbário de trinta mil espécimes, abrangendo sete mil espécies e percorreu as regiões Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Seus trabalhos contribuíram nos aspectos econômicos culturais e políticos de modo geral.

Em relação à toponímia, o viajante explicita:

O General Raimundo José da Cunha Matos Frisou a necessidade de se conservar a nomenclatura já consagrada pelos habitantes do Brasil. Se cada viajante se achasse no direito de escrever como lhe aprovesse os nomes das localidades e regiões por onde passasse, em breve reinaria na geografia uma confusão inextricável. Fiz, pois, todo o possível para não alterar em nada a nomenclatura geográfica, esforçando-me igualmente por dar a grafia correta de nomes de pessoas, plantas e animais. Existe uma infinidade de arraiais, fazendas e rios no Brasil cujos nomes – estou pronto a reconhecer – são escritos de várias maneiras diferentes, mesmo por pessoas instruídas. Sempre que isso ocorria eu só me aventurava a regis-

trá-los depois de consultar as mais altas autoridades no assunto. Meus conhecimentos de etimologia também me foram bastante úteis, e além do mais decidi deixar-me guiar sempre pelos usos e pelo bom senso. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 15)

De acordo com a declaração do viajante, fazia-se necessário preservar a nomenclatura dos topônimos, e, para ele, a atenção dos viajantes quanto a esses fatores era imprescindível.

A paróquia da qual o Arraial de Santa Luzia era a sede contava (1819) com uma população de 3 a 4.000 habitantes, disseminados numa área de 50 léguas de comprimento por 30 em sua maior largura. Dessa paróquia dependem dois povoados: Santo Antonio dos Montes Claros, de que falei em breve, e Nossa Senhora da Abadia, no Arraial de couros. *O nome de Santa Luzia é dado a várias localidades do Brasil. Desnecessário é dizer que não se deve escrever San-Lucia, como fez o viajante francês (Suz., Souv., 273).* (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 25)

Eram priorizadas a preservação quanto à nomenclatura desses nomes como pode ser identificada na passagem do relato de Saint-Hilaire. Essa era uma preocupação da maioria dos viajantes naturalistas, de modo atribuir maior veracidade em relação aos relatos.

George Gardner, botânico inglês, esteve no Brasil entre 1837 a 1841. Explorou matas da Tijuca e da Serra dos Órgãos e catalogou grande material botânico, valiosas observações sobre fauna e a flora. O viajante reuniu preciosas informações sobre o *modus vivendi* do povo brasileiro, com características a respeito da geografia, história e cultura. Gardner percorreu as regiões de Pernambuco, Bahia, Alagoas, Piauí, Maranhão, Goiás e Minas Gerais.

Assim como os demais viajantes, Gardner em suas descrições relata a variada toponímia brasileira, baseada em grande maioria de aspectos físicos, retratados por meio da fauna, flora e da hidrografia brasileira, que influenciaram diretamente para nomeação dos nomes de lugares.

Os viajantes eram muito detalhistas ao descreverem os elementos que compõem cada lugar, ou seja, buscavam descrever a totalidade destes elementos. Possuíam uma visão totalmente etnocêntrica e mediam sistematicamente os aspectos físicos acerca de cada lugar visitado, além de estudar os hábitos das espécies vegetais que compunham as paisagens analisadas. O objetivo era transformar a natureza em ciência, considerando a história natural.

4. Considerações finais

O trabalho com os nomes de lugares aborda aspectos históricos, geográficos, etimológicos, culturais, antropológicos, como explicitamos ao longo do trabalho. Esses fatores revelam a herança cultural deixada por esses expedidores nos costumes, crenças, hábitos dos brasileiros, mas, sobretudo, eternizaram-se na geografia nacional.

Além disso, aspectos inerentes à cultura, identidade, memória, política, religião de um povo, e nesse estudo foi possível observar, a partir das contribuições dos viajantes naturalistas, que as nomeações realizadas foram preservadas e incorporados à língua portuguesa, e geralmente designam características físico-naturais, como aspectos hidrográficos, climáticos, relativos à fauna, flora, características do solo.

Dessa forma, o estudo demonstra e reitera a importância dos naturalistas na descrição e formação dos nomes de lugares brasileiros, bem como, marcas na herança histórica, cultural, social e de identidade nacional.

O estudo revelou-se importante no que diz respeito a propagação do sentimento de pertinência e identidade nacional os quais estão presentes na Toponímia brasileira em geral. O nome de lugar não está à sombra ou desvinculado ao contexto social, político, histórico, ambiental e cultural dos grupos, eles refletem e retratam a natureza das comunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins*: Atito. Goiânia: PUC-Goiás, 2010.

_____. DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. A interdisciplinaridade no contexto da toponímia: reflexões iniciais de um a proposta aplicada ao ensino. *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia e terminologia, volume VI. Campo Grande: UFMS, 2012. p. 193-207.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As Ciências do Léxico*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia, 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Trad. de Milton Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/EDUSP, 1975.

POHL, Joahann Emmanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Trad. de Milton Amado e Eugênio Amado. São Paulo: EDUSP, 1976.

SAINT-HILAIRE, August de. *Viagem à província de Goiás*. Trad. de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975.

SOUSA, Alexandre Melo de. Para a Aplicação da Toponímia na Escola. *Cadernos do CNLF*, v. XVII, n. 02. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.